

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Treicy Giovanella da Silveira

Palavras-chave: Educação, sociologia, docência.

Os alunos pedem para ir ao banheiro, perguntam se podem beber água e se referem à estagiária como “professora”... esse é o grande choque ao entrar em sala de aula: perceber que a turma espera pelas minhas respostas. É com esta inquietação que começo esta reflexão sobre a formação docente, a partir da experiência de um ano (entre um semestre de observação e outro de prática) no Colégio de Aplicação: da situação de aluna à professora. Entre as dificuldades que implicam nessa passagem ou ruptura para o ensino e a docência, podem ser elencadas pelas seguintes ordens: metodológica, didática e prática. A metodológica reflete na dificuldade em ressignificar alguns conteúdos que já fazem parte do imaginário do jovem sobre a sociedade. Segundo Ianni (1985) esta relação do conteúdo científico, trazido pelo professor de sociologia, e outras ciências humanas, não deve se chocar com outros argumentos de autoridade que fazem parte da vida do aluno, por exemplo, sua família. Ao mesmo tempo buscar desmistificar tal conhecimento a partir de uma visão crítica e histórica do “real em movimento” (IANNI, 1985, p. 331). O docente não deve descaracterizar o conhecimento prévio que o aluno leva para a sala de aula, mas, apresentar fatos concretos sobre o conhecimento em questão. Ainda com base na primeira dificuldade elencada tem-se a transposição didática. A abordagem científica da sociedade em constante transformação, pelas ciências sociais deve ser transposta para a sala de aula de forma adaptada para que haja um entendimento pelos alunos. Isso então requer uma reconstrução do saber de certa forma descontextualizando-o da academia para contextualiza-lo à escola, aproximá-lo do concreto, da realidade e de uma linguagem menos abstrata, ou seja, a mediação didática para a superação do senso comum. Neste sentido, a “reestruturação” do conhecimento tem um objetivo último de “retorno à prática para transformá-la” (GASPARIN, 2005, p. 8), isto é, o ponto de chegada do processo pedagógico. A terceira, e até o momento, última, dificuldade, é a de ordem prática: como e porque manter a ordem no espaço da sala de aula? Essa questão reflete na relação de certa forma ambígua da professora de sociologia com o ambiente escolar. O estudo das ciências sociais no ensino médio tem como um de seus objetivos uma formação crítica do jovem em relação à sociedade, e para isso a própria organização da sala de aula pode ser repensada no sentido de que a busca por uma sociedade menos autoritária, reflete numa educação com os mesmos princípios de participação do aluno. Então, este questionamento final tenta, talvez, reafirmar o importante papel das ciências sociais de um pensar crítico sobre essa realidade em constante movimento.

Referências:

GASPARIN, J. L. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

IANNI, Octávio. O Ensino das Ciências Sociais no 1º e 2º graus. Cad. CEDES, Campinas, v. 31, n. 85, Dec. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622011000300002&lng=en&nrm=iso>.